



Figo e Mourinho reencontram-se oito anos depois Estiveram juntos no Sporting e em Barcelona. Depois seguiram caminhos distintos. Voltam a encontrar-se em Milão.



BD Naar é o maior super-herói do mundo árabe P2

Fotografia As utopias da PhotoEspaña já chegaram a Lisboa P2



Ferreira Leite A idade é um problema em política? P2

Radares da Brigada de Trânsito avariados em cinco distritos do país

Com a extinção da Direcção-Geral de Viação caducou o contrato para a manutenção dos equipamentos, comprometendo o controlo de velocidade

● Vários radares fotográficos da Brigada de Trânsito (BT) da GNR estão avariados há mais de um mês por falta de contrato de manutenção. Em causa estão equipamentos mó-

veis que são utilizados em carros das autoridades ou em tripés nas bermas das estradas e cuja inoperacionalidade inviabiliza um efectivo controlo de velocidade em cinco distritos do país:

Lisboa, Leiria, Viseu, Porto e Beja. O contrato que a GNR possuía com uma empresa que assegurava a manutenção do equipamento caducou com a extinção da Direcção-Geral de Viação

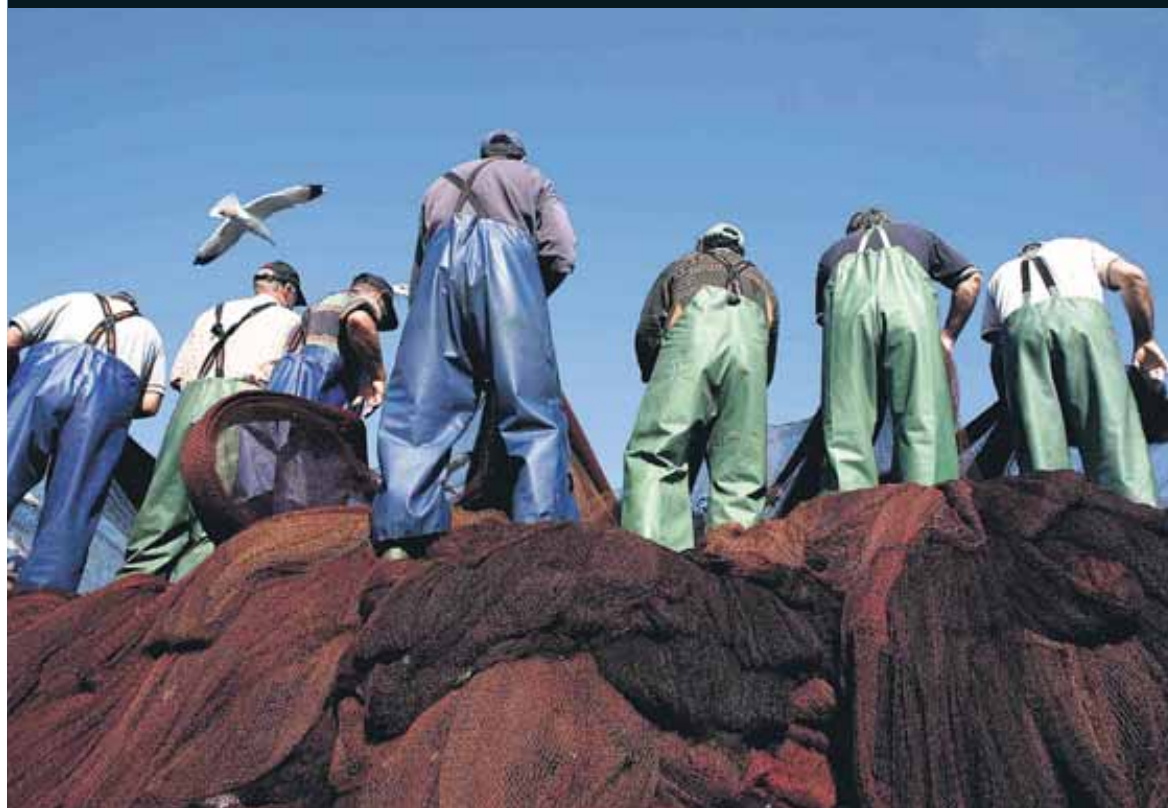
e, agora, de cada vez que ocorre uma avaria, não é feita a reparação. A GNR preferiu não responder às questões enviadas pelo PÚBLICO sobre o assunto. → Desporto, 2/3

Operação Furacão

Empresas de Berardo e Roque alvo de buscas

● Investigadores do Departamento Central de Investigação e Acção Penal realizaram, ontem e na terça-feira, buscas a empresas controladas pelos empresários Joe Berardo, Horácio Roque e Jorge Sá (que patrocina o Marítimo). As diligências, integradas na *Operação Furacão*, partem de suspeitas de fraude fiscal, faturação falsa e branqueamento de capitais. → Economia, 36

Pesca Paralisação vai durar até haver um sinal do Governo



MACHO DA COSTA/REUTERS

● Foi uma reunião sem sucesso. O ministro da Agricultura, Jaime Silva, não conseguiu travar a intenção de paralisação da frota pesqueira nacional, que tem

o início previsto para a meia-noite de hoje e que deverá levar à escassez de peixe fresco. Os motivos da paragem, por tempo indeterminado e até o Governo

“tomar medidas urgentes e imediatas”, como diz a associação do sector, são o aumento dos preços do gasóleo e as políticas comunitária e nacional para

o sector. Prevê-se que a quase totalidade da frota pesqueira - sete mil embarcações e cerca de 20 mil pescadores - deixe de sair para o mar. → Economia, 37

Educação

Fixadas quotas para avaliação de professores

● As negociações com os sindicatos começam hoje mas para já é esta a proposta que o Ministério da Educação faz: na melhor das hipóteses, uma escola vai poder atribuir aos seus professores um máximo de 10 por cento de classificações de Excelente e 25 por cento de Muito Bom. Estas quotas serão variáveis em função da própria avaliação de cada estabelecimento de ensino. → Portugal, 9

PUBLICIDADE



Galerias Ritz
Rua Castilho 77 - Lisboa
www.richdun.pt



Público

Em política
a idade
pergunta-se
Pág.6/7



Os árabes
já têm
super-heróis
Pág.4/5

Ele quer ser o Walt Disney do mundo árabe

Os americanos apropriaram-se de Aladino, os japoneses de Sindbad e os árabes ficaram sem super-heróis. Mas agora têm dezenas - e um deles é Naar, um menino com poderes sobrenaturais num Médio Oriente sem petróleo e sem adultos. O seu criador, Suleiman Bakhit, é um jordano que ambiciona criar uma Disneylândia árabe. E tudo começou com um ataque racista nos Estados Unidos



Margarida Santos Lopes

● Numa quarta-feira à noite, três meses depois dos atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 nos Estados Unidos, Suleiman Bakhit regressava ao *campus* da Universidade do Minnesota depois de fazer algumas compras. “Quatro tipos brancos saíram de um bar”, conta ao P2, por telefone, a partir de Amã, capital da Jordânia, onde nasceu, vive e trabalha. “Olharam para mim e reconheceram-me. Eu era presidente da Associação de Estudantes Estrangeiros e participava em muitas acções de campanha contra actos de racismo. Começaram a insultar-me: ‘*Fuck the arabs!*’. Bateram-me com uma garrafa e envolvemo-nos numa rixa.”

O rosto e o pescoço de Bakhit tiveram de ser submetidos a operações plásticas para “disfarçar as cicatrizes”. Hoje ostenta as marcas dos quase 300 pontos das cirurgias, com a mesma vaidade com que exhibe as tatuagens. Vingou-se? “Vinguei-me à minha própria maneira”, diz, sem que a voz, num inglês fluente, denuncie azedume. “Peguei numa experiência negativa e transformei-a numa positiva. Se eu fosse espancar miúdos americanos não ganhava nada com isso.”

O que fez então Bakhit, na altura com 25 anos? “Havia um programa chamado *International Classroom Connection*”, conta. “No primeiro aniversário do 11/9, em 2002, fui convidado a ir falar a várias escolas, com meninos e meninas, dos seis aos oito anos. Expliquei-lhes que a minha cor de pele, a minha religião [muçulmana] e até a minha comida eram as da maioria das pessoas no Médio Oriente. Mas, tal como nem



todos os brancos são do Ku Klux Klan (KKK), nem todos os árabes são da Al-Qaeda. Um dia, numa aula, pedi-lhes que me olhassem e perguntei-lhes se tinham medo de mim. Murmuraram uns com os outros, depois disseram-me: ‘No.

You are one of the good guys’.”

Numa dessas sessões, uma menina interpelou-o: “Vocês têm uma Barbie árabe? Tem um Superman árabe? Têm heróis?” Bakhit ficou em pânico. Sem palavras. Só pensava: “Oh, meu Deus, não temos super-heróis. Não

temos *cartoons* árabes. Não temos as nossas histórias. Noventa por cento do que chega até nós vem do estrangeiro. Foi então que tive uma ideia, que nunca mais saí da minha cabeça: preciso de arranjar heróis que sejam fonte de inspiração e de esperança para a juventude árabe. Quero ser o Walt Disney do mundo árabe, criar personagens fantásticas e uma Disneylândia, para mudar o modo como os árabes se vêem e os outros nos vêem.”

Havia um problema: Bakhit nunca tinha desenhado. “Nem quando eu era miúdo peguei num lápis de cor”, confessa. As interrogações eram muitas. “Como seria um herói árabe? Como seria um Batman ou um Superman árabes?”

Naar, o primeiro herói

“Aquela menina desafiou a minha imaginação”, lembra-se. “Fui à Internet à procura de diferentes estilos. Não sou um excelente desenhador, mas tenho boas ideias e encontrei pessoas com muito talento, como o brasileiro Edu (ver caixa), que me ajudaram. Faltavam-me dois semestres para acabar o mestrado em HRD, Human Resources Development, e precisava de tomar uma decisão. Se ficasse na América para acabar os estudos teria de arranjar um emprego na universidade. Mas já tinha desenvolvido algumas personagens e tive medo de perder a oportunidade de concretizar o meu sonho. Então, para viver esse sonho, desisti de acabar o mestrado, peguei no dinheiro que poupei (uns 50 mil dólares) e voltei para a Jordânia.”

Foi aqui, em Outubro de 2006, que nasceu a Aranim Media Factory - o nome combina as palavras “árabe”

e “animação”. E Naar foi o primeiro super-herói a emergir do *storyboard* de Suleiman. “O seu nome significa fogo”, explica o criador. “Há muitos personagens no mundo ocidental que têm a capacidade de manipular o fogo. Eu quis fazer diferente. Segundo a mitologia árabe, há vários tipos de fogo. Naar tem o poder das sete chamas e não voa” (risos).

A história é sobre o Apocalipse num Médio Oriente sem petróleo, em 2050. Um grupo de miúdos acorda numa cidade escondida, por baixo das ruínas de Petra, património da humanidade, na Jordânia. “Sozinhos, sem adultos, eles descobrem que têm poderes sobrenaturais”, relata Suleiman. “Vão ter de decidir o que fazer - se salvam este mundo ou não. Será que eles podem ser melhores do que nós fomos?”

A banda desenhada de Naar foi muito bem aceite pelo público. Testada em *focus group*, crianças ajudaram a definir o argumento. Êxitos foram também Mansaf e Ozi, personagens cujos nomes foram inspirados nos pratos nacionais da Jordânia - o primeiro, carne de carneiro, cozinhada em molho *jameed*, espécie de iogurte, e servida com arroz, amêndoas e pinhões; o segundo composto de arroz e frango. “A resposta foi fenomenal”, exulta Suleiman.

Moderados vs. extremistas

O ano passado, Bakhit pegou num herói jordano e fez dele um super-herói. O tenente Muwaffaq al-Salti foi protagonista de uma das mais longas batalhas da história da aviação. Morreu quando o seu obsoleto Hunter foi abatido por um sofisticado Mirage israelita na guerra de 1967. Quase 50 mil exemplares

Eduardo é a mão direita de Suleiman

Os super-heróis árabes criados pelo jordano da Aranim devem muito à arte final de um brasileiro

Não foram as raparigas nuas, de corpos tatuados, seios proeminentes, cabelos cor de carvão e de fogo desenhadas pelo brasileiro Eduardo Francisco (E.F.) que seduziram o jordano Suleiman Bakhit. "Gostei da sua flexibilidade, da sua atitude, do seu espírito de equipa", disse ao P2 o fundador de Aranim, explicando por que contratou o artista de São Paulo para o seu projecto. "Ambos partilhámos uma visão."

Edu, como Suleiman carinhosamente trata o amigo que só conhece pela Internet, explica-se por e-mail: "Algumas destas *pinups* que eu desenho são criações para a minha galeria e outros pedidos de clientes ocidentais, que demandam estas características para as heroínas (não só nas histórias de quadrinhos, mas cinema, TV, etc.). Não tem relação nenhuma com o que faço para o público do Oriente Médio, na Aranim".

Victory, por exemplo, é uma sensualíssima guerreira, personagem central do que E.F. descreve como "a primeira HQ [história aos quadrinhos] brasileira totalmente produzida no Brasil" e publicada numa mini-série em quatro partes pela Image Comics, a terceira maior editora do género nos Estados Unidos. Aqui, Edu é também co-autor de *Witchblade* e *The*

Darkness (com David Wohl), além de estar a ilustrar um novo projecto chamado *Executive Assistant: Iris*, que a editora Aspen Comics deverá publicar no início de 2009. No Brasil mantém a sua "parceria de sucesso" com o argumentista Marcelo Cassaro, que participa igualmente em Aranim (juntamente com outra brasileira, a designer Gislene Matsui).

Foi há quase dois anos que E.F., de 27 anos e a desenhar desde os 17, recebeu um e-mail de Bakhit com uma proposta de trabalho. Hoje, desenha a maioria dos álbuns, *posters* e capas de estúdio, além de rever os trabalhos dos colaboradores. Todas as obras começam no gabinete de Suleiman em Amã. O fundador da Aranim "escolhe ou cria um conceito baseado nas histórias épicas ou contos da mitologia árabe", explica E.F. "A seguir, ele entra em contacto com Marcelo Cassaro, que desenvolve o conceito em forma de história aos quadrinhos. Quando o processo das letras está devidamente revisto e em comum acordo, chega a minha etapa de trabalho: com o roteiro [argumento] em mãos, geralmente planeio a página num esboço de tamanho bem pequeno (*thumbnails*). Eu gosto de fazer assim porque este tamanho



permite visualizar todo o *layout* numa batida de olhos e poupa-me tempo nas correcções. Depois, digitalizo-os, envio para o editor e, logo que aprovado, faço o lápis e a arte final de cada página."

A última fase é "hospedar o arquivo em alta resolução (para impressão) no *folder* da empresa, onde é armazenado todo o arquivo".

Edu reconhece que o seu conhecimento do mundo árabe se resumia ao que via nos "noticiários sensacionalistas". Com Suleiman, passou a identificar-se "com o conceito de super-herói do Oriente (místico e mitológico) mais do que com os heróis ocidentais". Porque, "no Oriente, as personagens dos contos são, na grande maioria, pessoas comuns que apresentam fraquezas humanas e que no dia-a-dia as tentam superar, alcançando grandes feitos".

"Eu gosto de quase todos os estilos de desenhos e não me comprometo apenas com um", salienta Edu, admitindo que o seu trabalho, também admirado no Japão e na Europa, se foi desenvolvendo sob a influência do *Mangá* e do *Comics* americano. "Acho divertido experimentar o que cada um tem de melhor e tentar mesclar isso no papel. Alguns chamam este estilo de 'híbrido', derivado de vários, o mais popular do mercado". **M.S.L.**



foram impressos e distribuídos gratuitamente em jornais locais antes do lançamento oficial. Dias depois, estes desenhos estavam no mercado negro de Amã, a um dinar. Talvez a pirataria tenha atraído ainda mais fãs, porque a tiragem posterior (e legal) foi de 2,4 milhões de cópias. Nada mau, num país e numa região onde não há tradição (nem posses) de comprar este tipo de publicações.

"As pessoas tendem a esquecer estes heróis e os jovens nem sequer os conhecem", realça Suleiman. "O meu objectivo é combater o extremismo, para contrariar ídolos como Abu Musab Al-Zarqawi [o assassinado líder da Al-Qaeda no Iraque, nascido na Jordânia], introduzindo figuras contemporâneas mais moderadas. Tento encorajar a juventude a tomar o seu destino nas próprias mãos. Quero encorajar valores positivos, como a tolerância, a perseverança, o trabalho árduo."

Em esta categoria, a dos que lutam por causas nobres, inscreve-se outro super-herói: Abu Khadija, um lendário pugilista jordano que, desempregado e com os filhos doentes, se dedicou ao boxe para salvar a família. "Inspirei-me no Rocky, de [Silvester] Stallone, embora eu ache, sinceramente, que o meu trabalho é melhor", diverte-se Suleiman. "Queríamos que fosse uma banda desenhada, mas apresentámos a ideia a alguns produtores, que gostaram dela e sugeriram um filme de animação. Encomendaram o argumento. Acabámos de fazer o primeiro esboço. Ainda precisa de alguns retoques. Talvez esteja tudo pronto no

Verão, e depois vamos testar se as pessoas gostam."

Suleiman está entusiasmado com a perspectiva de vir a produzir "o primeiro filme de animação árabe". Lamenta que "os americanos tenham maltratado Aladino - um estereótipo tão diferente da história real" - e que os japoneses tenham transformado Sindbad, o marinheiro, "de uma figura comovida num tipo estúpido". Mas não é Aladino e Sindbad que lhe interessam. "Isso é mitologia árabe antiga e já ninguém lhes dá muita importância", desvaloriza.

Da aventura histórica à ficção científica, o objectivo agora é usar "heróis, vilões, temas e estilos artísticos autenticamente árabes, para chamar a atenção dos jovens do mundo inteiro, com um toque médio-oriental".

Depois da banda desenhada e dos filmes de animação, as etapas seguintes serão as dos jogos de vídeo, onde haverá "muitos guerreiros árabes", e do *merchandising*. A ambição é chegar aos 200 milhões de jovens do mundo árabe, mas não só. "Primeiro conquistamos a Jordânia, depois o resto do Médio Oriente e a seguir o mercado internacional", revela.

Parceiros estratégicos

Para que todos estes sonhos se tornem realidade, Suleiman Bakhit precisa de parceiros estratégicos. Dois deles são o King Abdullah Fund for Development (KAFFD) e a Aramex Internacional, companhia de transportes e logística, com clientes em mais de 240 países. Ter como patrono uma instituição ligada à monarquia jordana não limita o processo criativo? "Oh, não, não,

de maneira nenhuma!", assegura o dono da Aranim. "Dão-nos toda a liberdade." A isso não será alheio o facto de Suleiman garantir que não tencionava passar mensagens políticas: "No Médio Oriente tudo o que fazemos é interpretado como política, mas a minha mensagem é cultural".

Os tempos mais difíceis já passaram. Foi quando ele regressou à pátria e ficou a saber que o seu pai, Marouf Bakhit, havia sido designado primeiro-ministro pelo rei. Alguns investidores ofereceram-se para financiar uma Disneylândia árabe, mas estavam mais interessados em obter favores políticos do que em injectar capital. Surgiram conflitos de interesses e as poupanças pessoais rapidamente se esgotaram.

"Felizmente que o meu pai já não chefia o Governo, só é membro do Parlamento e mais ligado aos militares", ri-se Suleiman. "Agora, ninguém mais interfere na minha criação. Em 2009 esperamos ser uma empresa lucrativa. Somos cinco a trabalhar a tempo inteiro. Eu e a minha equipa internacional. Com o início do ano escolar, em Setembro, e o lançamento de novos produtos, 2008 será o ano do tudo ou nada. Ajudou muito o artigo [de quase uma página] que o *Financial Times* publicou sobre mim. Há mais gente interessada em investir."

E se não der certo? "Não tenciono desistir", jura. "Em criança, um dos meus *shows* de animação favoritos era japonês. Chamava-se *Grendizer*. Divertia-me e encorajava-me a imaginar coisas que podiam realizar-se. Também gostava de histórias de trabalho em grupo, de amizade, onde ninguém desistia mesmo que houvesse dificuldades."